

# Trajetos inexplicáveis da vida: acaso, escolhas e tréguas da teia social

Maria Cristina Gobbi

**R**ealidades se cruzam e entrecruzam em vários espaços sugeridos e, algumas vezes, impostos pela vida real. São frutos do acaso, de escolhas, de embates ou de tréguas da realidade habitual, desenhadas em uma malha social cercada por rostos desconhecidos. O invisível se torna latente nas cenas individuais da existência humana.

Mônica Rebecca Ferrari Nunes, doutora, professora, pesquisadora do Centro de Estudos da Oralidade (PUC-SP) e do Centro de Estudos de Música e Mídia (ECA-USP) e Marco Antonio Bin, doutor, escritor, professor universitário, nos convidam para uma viagem em cenas cotidianas dirigidas por ilustres desconhecidos, protagonistas de histórias tão iguais e tão diferentes, mas capazes de revelar a realidade do outro.

Entre Franciscos, Henriques, Sebastões, Denisas, Carmens, Eduardos, Cristinas, Valerianas, Rosálias, Elviras, Yuris e tantos outros, narrativas são desenhadas em cenas cotidianas de uma cidade que abriga e que compartilha, entretanto, se perde na busca de semelhanças nem sempre visíveis ao olhar desatento daqueles que conduzem seus cotidianos.

Mônica Nunes e Marco Bin rompem as fronteiras entre o poético e o documental fazendo um convite para um mergulho no mais profundo sentimento humano. O invisível da alma. A segregação do espaço cotidiano desenhado por histórias que expressam, por um lado, as mazelas sociais nas quais contingentes inteiros são condenados, por outro, revelam os movimentos singelos do sobreviver cotidiano em uma selva imposta pelo ritmo acelerado das buscas individuais, muitas vezes imperceptíveis para aqueles que apressadamente encenam suas individualidades nesses espaços.

## Histórias invisíveis

Mônica Rebecca  
Ferrari Nunes e  
Marco Antonio Bin

Vinhedo, São Paulo:  
Horizonte, 2011. 128 p.



Entre o que se pode ver, o que é perceptível, claro, evidente, patente, notório, aparente está o invisível. Não no sentido de sua distância ou de sua pequenez, que escapa à vista, mas de cenas que são invisíveis a olho nu, que se escondem e que não querem ser vistas pelo olhar do humano. Para compreender essa paisagem é necessário contemplar os vínculos afetivos que materializam histórias e atenuam as mazelas da invisibilidade social. É esse o sentimento nutrido em cada relato de Nunes e Bin no livro.

Mas o que podem significar histórias invisíveis? Vygotsky (2001), em *Pensamento e linguagem*, trata da indissociabilidade entre a constituição do pensamento e a verbalização destes pelos indivíduos. Para ele “(...) o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento”. As palavras são como a vida. Sem significados representam sons vazios. Se o “(...) significado das palavras é um fenôme-

no de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele”, as existências humanas são como processos de adaptação aos padrões sociais. Esses são reforçados cotidianamente de acordo com o ambiente em que o indivíduo está inserido. Muitas vezes, esses sujeitos tendem a ser vistos como homogêneos por aqueles que se esquecem das peculiaridades pessoais, das coincidências e das escolhas que somos submetidos diariamente nos espaços da sociedade em que vivemos.<sup>1</sup>

O atributo que podemos desenhar para o “invisível” não pode representar somente o desconhecimento e o julgamento da realidade, tampouco aquele de estabelecer ajuizamentos morais dos atos realizados, desconhecimento imediato de sua própria realidade. Contudo, são necessárias intuições, sensibilidades, plasticidades essenciais formando elos que são reforçados pelas emoções e adaptações, capazes de deixar fluir a sensibilidade.

É nesse misto de histórias reais encenadas em meio a processos de socialização e transformação subjetiva da realidade, que é possível compreender que o ambiente não é o mesmo, mesmo em se tratando de uma única sociedade, de um singular espaço de convívio. Há uma diversidade deles, quer físicos, culturais ou sociais. Porém, nestes cenários das cidades ficam evidenciadas as desigual-

dades econômicas, políticas e sociais onde os seres humanos produzem suas relações de dominação, exclusão, de desejos, sonhos, realidades, etc.

Os textos curtos, porém densos do livro de Nunes e Bin revelam essas emoções sociais e as realidades que se mesclam na formação e na construção da consciência individual, na objetivação de valores e nas generalizações sociais, transcendendo apegos e ampliando a consciência, sem sacrificar seu comodismo imediato em prol do entendimento do outro, revelando as incongruências, os impasses e a miserabilidade de diálogos que somos submetidos diariamente na busca da admissão social.

Dividido em 12 relatos, com apresentação da professora Jerusa Pires Ferreira, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e do CJE/ECA-USP, o livro revela diferenças e semelhanças de histórias pessoais, vividas e encenadas em contextos diversos, mas que preservam, em cada narrativa, as singularidades de seus atores.

De leitura agradável e de compreensão perspicaz, são narrativas envolventes que nos fazem parar para observar as cenas cotidianas de nossos espaços de vivência e de convivência, em uma busca de nuances que possam revelar o outro em nós.

*(resenha recebida set.2011/aprovada set.2011)*

**Maria Cristina Gobbi**, pós-doutora pelo Programa de Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo e professora do Programa em Comunicação da Universidade Estadual Paulista.

<sup>1</sup> VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html>. Acesso em setembro de 2011.